

A FENOMENOLOGIA E A QUESTÃO DO INCONSCIENTE

Alina Purvinis Musolino

INTRODUÇÃO

“A problemática do inconsciente levantada pela psicanálise não é apenas um elemento privilegiado na dimensão psicológica e clínica, mas se constitui, simultaneamente, num desafio para a razão filosófica, ao pôr em jogo o estatuto da consciência” (1). Assim a Fenomenologia, enquanto disciplina reflexiva, defrontou-se com este problema: como admitir na consciência a presença de uma realidade que, por sua própria definição, não pode ser apreendida conscientemente ?

Na verdade, para os filósofos, a afirmação de que ocorrem processos intelectuais extremamente complexos, sem que o indivíduo tome consciência, parece a princípio inaceitável. Porém ao mesmo tempo, existe o desejo de preservar a descoberta freudiana; De Waelhens observa que “assistimos a uma aproximação cada vez mais acentuada entre os teóricos de uma antropologia de inspiração autenticamente psicanalítica e os fenomenólogos preocupados ao mesmo tempo em se conservarem fiéis ao espírito husserliano e em estender o reino deste espírito ao domínio das ciências humanas, mais particularmente àquelas ligadas à psicologia entendida no sentido mais amplo”(2).

Tentaremos mostrar, no decorrer deste trabalho, que o contato com a teoria e a prática psicanalítica pode elucidar o problema do inconsciente e, conseqüentemente, o da própria consciência; que a fenomenologia pode encontrar na psicanálise uma técnica de que não dispõe e que, em compensação, pode esclarecer o verdadeiro alcance desta, situando-a num contexto filosófico e antropológico.

(1) João Carlos Nogueira, *O Inconsciente e a Linguagem na Compreensão do Homem*, pág. 22.

(2) Citado por Enzo Paci, no artigo *Para uma análise fenomenológica do sono e do sonho*, em Roger Caillois e G. E. Grunebaum, *O Sonho e as Sociedades Humanas*, pág. 119.

1 – O SIGNIFICADO DA FENOMENOLOGIA

O termo fenomenologia, que se vincula de maneira mais direta a E. Husserl, seu fundador, significa literalmente “estudo dos fenômenos”, isto é, daquilo que “é dado” à consciência. Pretende explorar esses dados intuídos diretamente, evitando estabelecer quaisquer hipóteses a seu respeito; daí a noção de fenomenologia como recomeço, como retorno às coisas mesmas.

Para isso, é imprescindível uma mudança radical de atitude: é a **redução fenomenológica** ou **epoché**, que consiste em “pôr entre parênteses” a realidade tal como a concebe o senso comum. No entanto, não se trata de permanecer ao nível das impressões sensíveis, mas sim de captar a **essência** das coisas; é por isso que a **intuição** recebe o qualificativo de **eidética**: é a visão das essências.

Uma das primeiras tarefas a que a fenomenologia se propõe é justamente a de elucidar o “reino das essências”, segundo seus diversos domínios ou regiões (por exemplo, a região “natureza”, a região “espírito”, a região “consciência”). Toda e qualquer ciência deveria ser precedida de uma análise fenomenológica, visando a estabelecer a essência do objeto de seu estudo, antes de formular hipóteses e leis.

A concepção fenomenológica enfatiza o caráter **intencional** da consciência; esta é sempre consciência de alguma coisa. Existe aí uma superação da dicotomia sujeito-objeto, já que fora da correlação consciência-objeto, não existiria nem um, nem outro. A análise fenomenológica deve sempre levar em conta dois aspectos: **noesis** (ato da consciência quando visa ao objeto) e **noema** (objeto visado pela consciência). É preciso lembrar que a percepção é apenas um dos possíveis atos pelos quais a consciência apreende os objetos; a imaginação, a lembrança, o sonho, são outras modalidades da consciência em sua atividade.

A fenomenologia também concebe o homem essencialmente como **ser-no-mundo** (posição heideggeriana); a consciência humana é então consciência-no-mundo, e se vincula a ele pelo **corpo**. Com efeito, é pela mediação desse mesmo corpo que podemos nos relacionar com as coisas e com os outros seres humanos; a existência humana só pode ser entendida com base no seu duplo enraizamento: no mundo e na intersubjetividade.

De Waelhens define a fenomenologia, de maneira bastante clara e compreensiva, como sendo “um método filosófico, ou simplesmente

uma filosofia, que tem por tarefa elucidar, não tanto o mundo e a realidade tomados em si mesmos, mas as relações vividas e efetivas que se estabelecem, ao mesmo tempo necessária e livremente, entre o homem e o mundo”(3).

Nessas relações vividas, já salientamos o papel do corpo; mas o sentido se manifesta também pela **linguagem**, e assim a fenomenologia a enfocará como um de seus temas fundamentais.

Retomaremos cada um desses pontos básicos — a redução fenomenológica, a intencionalidade, o corpo, a linguagem e a intersubjetividade — na medida em que constituem elos de ligação entre a fenomenologia e a psicanálise; tentaremos mostrar os pontos de divergência e de convergência, as possibilidades de aproximação, especialmente no que concerne à questão do inconsciente, tema de nosso especial interesse no âmbito deste trabalho.

2 — A FENOMENOLOGIA E A QUESTÃO DO INCONSCIENTE

Segundo Paul Ricoeur, “nenhuma filosofia reflexiva se aproximou tanto do inconsciente freudiano como a fenomenologia de Husserl e de alguns de seus discípulos, principalmente Merleau Ponty e De Waelhens”(4).

Analisaremos alguns pontos de inserção da descoberta freudiana no enfoque fenomenológico.

2.1 — A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA

A redução fenomenológica acarreta um destronamento da consciência imediata, enquanto origem e lugar de sentido. Com efeito, a fenomenologia dissocia o verdadeiro começo da atitude natural, mostrando o desconhecimento de si que lhe é inerente. Esse abalo causado ao conhecimento consciente revela certa afinidade com as descobertas de Freud, as quais comprovam que nosso “saber” consciente é extremamente lacunar.

Além daquilo que é propriamente visado pela consciência, a fenomenologia admite também um componente implícito, ou co-visado do ato intencional. Segundo Ricoeur, esse implícito é uma certeza presumida, que pode iludir-se sobre si mesma e daí poderia derivar certa problemática do inconsciente.

No entanto, ao mencionar o inconsciente em relação à redução fenomenológica, é necessário enfatizar que, para Husserl, este sempre

(3) Alphonse De Waelhens, *Existence et signification*, pág. 191.

(4) Paul Ricoeur, *Da Interpretação*, pág. 304.

depende da presença e da consciência. O centro é sempre a presença; o inconsciente se referiria àquilo que se afasta da presença. Porém tanto a psicanálise quanto a fenomenologia estão relacionadas com a tarefa de transformar o inconsciente em consciente, a obscuridade em fenômeno.

2.2 – A INTENCIONALIDADE

Na segunda metade do século XIX, o conceito de intencionalidade (existente desde Aristóteles) foi reintroduzido por F. Brentano, que pronunciou conferências na Universidade de Viena a que Freud e Husserl assistiram. Embora Freud não mencione Brentano em seus escritos, a noção de intencionalidade é inerente à sua abordagem da livre associação, dos sonhos, das parapraxias.

Rollo May destaca dois aspectos importantes da intencionalidade, que têm conexão com a psicanálise: o primeiro é que intencionalidade está ligada à intenção, e a característica mais significativa desta é a sua relação com o sentido; os objetos se apresentam à consciência revestidos de certa importância e significado. O segundo aspecto é bem expresso por uma afirmação de Merleau Ponty: “Toda intenção é uma atenção, e atenção é eu-posso”(5); isto significa que somos incapazes de dar atenção a algo enquanto não sentirmos um “eu-posso” em relação a ele.

Segundo Rollo May, a função da psicanálise é demonstrar que jamais existe uma intenção puramente consciente, e fornecer os dados que permitem diferenciar intenção e intencionalidade.

A intenção é um estado psicológico, que me permite dispor-me voluntariamente a fazer ou não alguma coisa; a intencionalidade “é o que jaz sob as intenções, tanto conscientes quanto inconscientes. Refere-se a um estado de ser e envolve, em maior ou menor grau, a **totalidade** da orientação da pessoa em relação ao mundo, naquele momento”(6). A associação livre é a técnica privilegiada, que permite ir além da intenção consciente, e entregar-se ao domínio da intencionalidade.

Não haveria, então, uma impossibilidade de conciliar a noção de intencionalidade fenomenológica e o inconsciente psicanalítico; ao contrário, a psicanálise permitiria um aprofundamento e ampliação da compreensão

(5) Rollo May, **Eros e Repressão**, pág. 258.

(6) *Ibidem*, pág. 260.

da intencionalidade. Aliás, essas idéias estão de acordo com as de P. Ricoeur, que salienta a primazia da intencionalidade em exercício (o que ele denomina de “ir-refletido”) sobre a intencionalidade temática, e daí deriva várias conseqüências, que analisaremos a seguir.

A primeira delas é a de que podemos definir o psiquismo sem recorrer à consciência de si, mas sim à visada de algo; isso está de acordo com a afirmação de Freud, segundo a qual o psiquismo se define pelo sentido.

A segunda conseqüência é que a “dinâmica do sentido operado (...) é mais originária do que a estática do sentido proferido ou representado”(7). Isso leva à questão da “gênese passiva”, que Husserl introduz nas *Meditações Cartesianas*: significa que a gênese ativa é precedida por uma constituição prévia, resultado das aprendizagens perceptivas da infância. Esta necessidade de uma orientação regressiva aparece tanto na fenomenologia quanto na psicanálise, embora assuma um papel muito mais importante nessa última. Ricoeur afirma que “a gênese passiva, o sentido que se realiza sem mim, é tratado pela fenomenologia, mas mostrado pela psicanálise”(8).

Concluindo, podemos afirmar que a intencionalidade não se reduz à atenção, nem à percepção, e nem mesmo à intenção. Existe uma intencionalidade implícita, que se estende para além do visado conscientemente, e é aí que a abordagem fenomenológica pode englobar o conceito de inconsciente, que inclusive amplia o seu alcance na verdadeira compreensão da conduta humana, pois “a vida psíquica antecede e excede a reflexão consciente”(9).

2.3 – O CORPO

Importantíssima em nossa tentativa de confronto entre a fenomenologia e a psicanálise é a noção de **corpo próprio** ou **carne** (na terminologia de M. Ponty).

Na tentativa de explicar como é possível existir um sentido, sem que este seja consciente, a fenomenologia afirma que seu modo de ser é o do corpo, que não é o eu, nem tampouco uma coisa do mundo. Para Ricoeur, o corpo é o “modelo ôntico” para todo inconsciente, justamente pela ambigüidade do seu modo de ser.

(7) Paul Ricoeur, *Da Interpretação*, pág. 307.

(8) *Ibidem*, pág. 308.

(9) A. Dartigues, *O que é a Fenomenologia* ? pág. 53.

De Waelhens vê o corpo como elemento mediador no encontro entre o eu e as coisas; ora, essa tese coincide com a da psicanálise, que enfatiza o papel do corpo e da sexualidade na constituição do sujeito.

As significações são captadas em primeiro lugar em nosso corpo; o sujeito, antes de tornar-se um ser de conhecimento, participa, vive e sente através do corpo. Essa participação é sempre efetuada de um sentido; segundo Rollo May, “o corpo expressa a intencionalidade e a comunica”(10).

Nogueira afirma que no **corpo vivido** encontramos uma linguagem originária, que antecede o discurso manifesto; “é aqui o campo onde se desenvolve a dialética do sentido manifesto e do sentido latente que anima o esforço de compreensão da psicanálise”(11).

A psicanálise demonstra como o sentido latente, inconsciente, inscrito em nossa carne, pode deslocar a intenção de nossa consciência.

2.4 – A LINGUAGEM

Segundo Ricoeur, tanto para a fenomenologia quanto para a psicanálise, a realidade da linguagem nada mais é que “o sentido efetuado por um comportamento”(12). Descreve a linguagem como **dialética da ausência e da presença**, que se aproxima da abordagem psicanalítica em três pontos fundamentais.

Em primeiro lugar, psicanálise e fenomenologia concordam em que a linguagem é uma maneira pela qual o homem torna as coisas presentes, pelo vazio do signo; Freud propõe a origem do signo falado a partir de um sentimento de privação — é o jogo do “fort” e “da” descrito na obra “Para além do princípio do prazer”. Além disso, cada signo visa a alguma coisa da realidade apenas por sua posição no conjunto de todos os outros signos, o que está de acordo com a abordagem psicanalítica. Finalmente, a análise fenomenológica da linguagem revela o caráter ambíguo de todos os signos: na verdade, quando falamos, instituímos um texto que é ao mesmo tempo um contexto para cada palavra; assim, apenas uma parte do sentido é tornada presente, pela ocultação dos outros sentidos possíveis. Isto leva à conclusão de que toda maneira de ser consciente traz em si uma maneira de ser inconsciente, ou como diz Merleau — Pon-

(10) Rollo May, **Eros e Repressão**, pág. 268.

(11) João Carlos Nogueira, **O Inconsciente e a Linguagem na Compreensão do Homem**, pág. 135.

(12) Paul Ricoeur, **Da Interpretação**, pág. 309.

ty, "... o visível possui, ele próprio, uma membrana de invisível, e o invisível é a contrapartida secreta do visível, não aparece senão nele..."(13). Para Ricoeur, é a linguagem que torna manifesta "a significação plenária do modelo perceptivo do inconsciente para a fenomenologia"(14).

Dentro do contexto psicanalítico, a relação do inconsciente com a linguagem foi explicitada por Jacques Lacan, que define o inconsciente como "aquela parte do discurso concreto, enquanto transindividual, que falta à disposição do sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente"(15). O inconsciente se constitui numa cadeia de significantes, e as leis que regem seu funcionamento (deslocamento e condensação) podem ser referidas a fenômenos lingüísticos (metonímia e metáfora).

No entanto, o fato de relacionar inconsciente e linguagem não elimina a explicação psicanalítica em termos de uma economia pulsional — mesmo para Lacan, o interesse do algoritmo S/s está na barra que separa os dois elementos; é o recalque que esclarece a separação dos dois discursos.

É nesse ponto que a abordagem fenomenológica não pode acompanhar a psicanalítica; nenhuma análise intencional, embora chegue, em seus limites, a uma concepção do inconsciente, pode jamais reconstituir as leis de funcionamento do sistema inconsciente; isto só é possível graças à utilização da técnica analítica. A fenomenologia pode fazer compreender o afastamento que existe entre o sentido efetivamente vivenciado de uma conduta e a representação que a consciência faz dela, mas só a hermenêutica freudiana pode decifrar as distorções e substituições que tornam irreconhecível o texto da consciência.

2.5 – A INTERSUBJETIVIDADE

Segundo a fenomenologia, todas as nossas relações com o mundo têm uma constituição intersubjetiva; o implícito é aquilo que outra pessoa pode explicitar. Da mesma forma, na psicanálise, o inconsciente (sendo uma linguagem) tem necessariamente um estatuto intersubjetivo: é o "discurso do Outro", na terminologia lacaniana.

Se o sujeito (como eu pessoal) se constitui na unidade de uma história, jamais sua consciência pode apresentar-se a si mesma de maneira

(13) M. Merleau-Ponty, *O Visível e o Invisível*, pág. 200.

(14) Paul Ricoeur, *Da Interpretação*, pág. 311.

(15) J. B. Pontalis, *A Psicanálise depois de Freud*, pág. 41.

totalmente transparente. Sua intenção é condicionada e antecedida pela vida afetiva; o desejo humano é sempre desejo do desejo do outro, e aí se interligam os temas do sentido, do corpo, da palavra, da intersubjetividade. É aqui que a psicanálise, acompanhando as vicissitudes das pulsões através das várias etapas do desenvolvimento psíquico, revela a importância fundamental das relações objetivas na constituição do sujeito; demonstra também que a atividade consciente do homem, expressa ao nível da intencionalidade temática, “pode ser cativa de significações recalcadas”(16).

Portanto, tanto a fenomenologia quanto a psicanálise visam à constituição do sujeito, enquanto ser de desejo, em um discurso intersubjetivo autêntico. Porém, segundo Ricoeur, “a fenomenologia aborda a história real do desejo de alguma maneira **lateralmente**, e partir de um modelo perceptivo do inconsciente que ela generaliza pouco a pouco a todo sentido vivenciado, encarnado, e ao mesmo tempo operado no elemento da linguagem; a psicanálise mergulha **diretamente** nessa história do desejo (...). Mas ambas têm a mesma intenção: ‘o retorno ao discurso verdadeiro’”(17).

CONCLUSÃO

O enfoque fenomenológico aproxima-se da noção de inconsciente em vários pontos: demonstra que a consciência imediata implica um desconhecimento, numa opacidade, que constitui o domínio do implícito, do co-visado, isto é, daquilo que foi construído no decorrer de toda a história pessoal (gênese passiva). Mostra ainda que a intencionalidade vai além da intencionalidade temática, da reflexão consciente, e que há um distanciamento entre o sentido proferido através da linguagem e o sentido vivenciado, efetuado através do corpo. Finalmente, a fenomenologia nos prova que o verdadeiro sentido só pode ser desvendado no contexto da intersubjetividade, aspecto este que também é salientado pela psicanálise.

No entanto, concordamos com Merleau-Ponty quando afirma (no prefácio a Hesnard, “A Obra de Freud”) que a fenomenologia “não diz claramente o que a psicanálise dissera confusamente; é ao contrário, pelo que ela subentende ou desvela em seu limite — por seu conteúdo latente ou inconsciente — que a fenomenologia está em consonância com a psicanálise”(18).

(16) João Carlos Nogueira, *O Inconsciente e a Linguagem na Compreensão do Homem*, pág. 46.

(17) Paul Ricoeur, *Da Interpretação*, pág. 314.

(18) Paul Ricoeur, *Da Interpretação*, pág. 328.

Assim, apesar de todos os pontos de aproximação, devemos recordar que o inconsciente freudiano é aquilo que a técnica psicanalítica torna acessível; segundo Ricoeur, “esse modo de escavação arqueológica não pode ser suprido pela fenomenologia”(19). Também é preciso notar que o modelo perceptivo do inconsciente na fenomenologia está mais próximo do pré-consciente freudiano, é mais descritivo do que tópico, e não envolve a noção de recalque. Essa “barragem” é uma exclusão real, que a fenomenologia do implícito, do co-visado, não pode atingir, pois deve ser decifrada a partir do texto da consciência.

A mesma diferença existe entre a gênese passiva descrita por Husserl, e a dinâmica das pulsões revelada por Freud: a fenomenologia da intencionalidade não engloba a noção de investimento — e a hermenêutica, na psicanálise, não pode ser dissociada da energética.

Também no que se refere ao inconsciente como linguagem, não podemos esquecer que é a explicação econômica que permite entender a separação do discurso consciente e a do inconsciente. Finalmente, quanto ao tema da intersubjetividade, verificamos que a psicanálise é uma técnica difícil, uma verdadeira “perlaboração”, conduzida por meio da análise das resistências, da interpretação e da transferência, e que só pode ser realizada sob a regência da regra analítica fundamental.

Enfim, podemos afirmar que entre a fenomenologia e a psicanálise (especialmente no que concerne ao inconsciente) há pontos de confluência e pontos de afastamento, mas não se pode negar a influência que uma tem exercido sobre a outra. Essa influência fica patente ao lermos a afirmação de Merleau-Ponty, num de seus últimos escritos, de que a fenomenologia não é uma filosofia da consciência clara, mas “uma revelação contínua e impossível de um Ser onírico, por definição oculto”(20).

Efetivamente, a preocupação fundamental de ambas é a procura da verdade; e é nessa busca que se torna manifesta a importância do inconsciente, na medida em que “inconsciente, linguagem e comportamento são momentos dialéticos de uma história que se faz no terreno comum do sentido”(21).

Concluimos, portanto, concordando com a afirmação de Nogueira: “a fenomenologia, sob pena de deixar cair a realidade humana de que fa-

(19) *Ibidem*, pág. 314.

(20) J. F. Lyotard, **A Fenomenologia**, pág. 75.

(21) João Carlos Nogueira, **O Inconsciente e a Linguagem na Compreensão do Homem**, pág. 35.

la, deve levar em consideração as descobertas psicanalíticas sobre o inconsciente é a interpretação dos fenômenos psicopatológicos. Em contraposição a psicanálise (...) precisa dispor de um horizonte ontológico apropriado onde inscrever seu objeto. Esse horizonte ela o encontra na fenomenologia”(22).

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. **História da Filosofia**. Lisboa, Presença, 1970, v. 14.
- CAILLOIS, R. e VON GRUNEBAUM, G. E. **O Sonho e as Sociedades Humanas**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- DARTIGUES, André. **O que é a Fenomenologia ?** 2ª ed. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973.
- DE WAELHENS, Alphonse. **Existence et Signification**. Nauwelaerts, 1958.
- HESNARD, A. **De Freud a Lacan**. Espanha, Martinez Roca, 1976.
- LYOTARD, J. F. **A Fenomenologia**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- MAY, Rollo. **Eros e Repressão**; amor e vontade. Petrópolis, Vozes, 1973.
- MERLEAU-PONTY, M. **O Visível e o Invisível**. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- NOGUEIRA, João Carlos. **O Inconsciente e a Linguagem na Compreensão do Homem**. São Paulo, Cortez & Moraes, 1978.
- PONTALIS, J. B. **A Psicanálise depois de Freud**. Petrópolis, Vozes, 1972.
- RICOEUR, Paul. **Da Interpretação**; ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

(22) Ibidem, pág. 143.